

EMIGRAÇÃO

A GAIOLA DOU TORA DA

Há *concierges* com blogues e que leem ensaios em francês, rececionistas com mestrado, contínuas e empregados de mesa especialistas em educação ou biologia. Muitos portugueses da nova vaga de emigrantes para Paris são “doutores” com formação superior e aceitam trabalhos desqualificados para sobreviver. TEXTO DE **DANIEL RIBEIRO**, CORRESPONDENTE EM PARIS
FOTOGRAFIAS DE **HAMILTON/REA/4SEE**

ELISABETH OLIVEIRA
FORMADA EM LETRAS
PELA UNIVERSIDADE
DE NANTERRE (PARIS)
PORTEIRA

Casada, 45 anos, com dois filhos, é porteira há dez meses em Paris. Os pais também foram emigrantes em França. "Quando parti de Portugal o meu pai disse-me: 'Estou inquieto, quando emigrei sabia que quase de certeza iria ter uma vida melhor, agora contigo tenho muitas dúvidas que seja assim.'"





CATARINA FERNANDES
LICENCIADA PELO
INSTITUTO SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO COIMBRA
CONTÍNUA

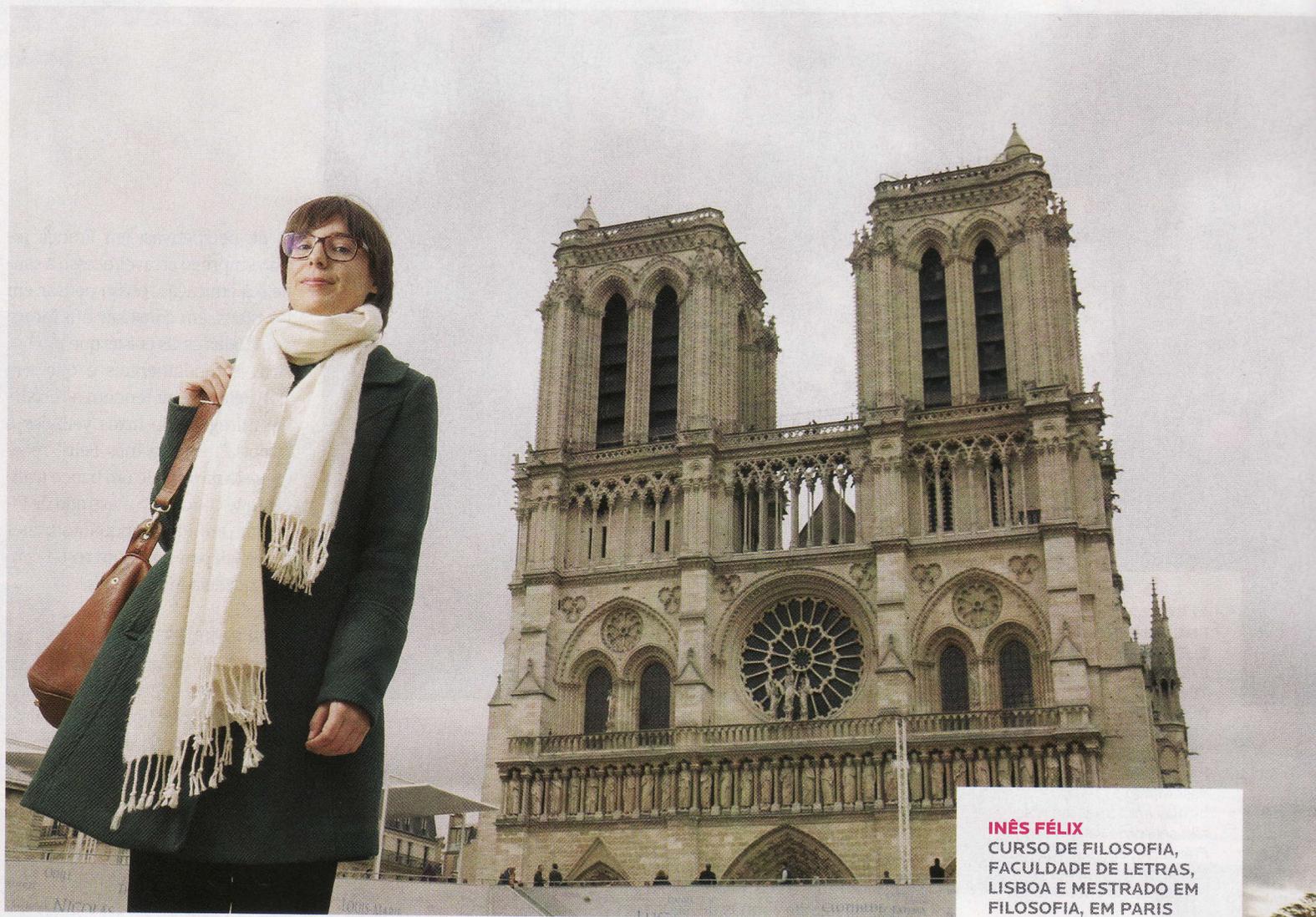
Aos 25 anos, é assistente de educação) num liceu da região parisiense. De Ponta Delgada, está há um ano em França. "Parti porque tenho de pagar um empréstimo de 350 euros por mês que fiz para estudar."

O

Os franceses têm uma sorte fantástica com os emigrantes portugueses. Os antigos, dos anos 1960/1970, que eram na maioria quase analfabetos, ajudaram a construir, como esforçados pedreiros, a França moderna. Agora, com os novos emigrantes que fogem de Portugal devido à crise, têm os mais diplomados porteiros e empregados subalternos do mundo. São inúmeros os jovens portugueses nesta situação.

Alguns dos licenciados contactados pelo Expresso têm dificuldades em assumir a situação que vivem — têm vergonha, falam sob anonimato, recusam ser fotografados para a reportagem. Alguns, porém, como Inês Félix, 26 anos, que tem um *master* em filosofia, não apenas encaram de frente a condição de emigrantes e os empregos que não correspondem às suas habilitações académicas como exclamam, desassombradamente: "Em Portugal, nem podia pensar em ter filhos!"

Estes portugueses protagonizam casos surpreendentes, que espantam e comovem os franceses, os patrões e o repórter — em Paris existem neste momento porteiras que leem ensaios e romances em francês, que vão a exposições e falam inglês, "contínuas" (assistentes de educação) em escolas francesas formadas por institutos superiores de educação portugueses e empre-



INÊS FÉLIX
CURSO DE FILOSOFIA,
FACULDADE DE LETRAS,
LISBOA E MESTRADO EM
FILOSOFIA, EM PARIS
RECECIONISTA

Natural de Caldas da Rainha, tem 26 anos e é solteira. Trabalha como rececionista na sede de um grande banco francês, em Paris. Há quatro anos em França. "Aqui posso pensar em ter filhos!"

gados de mesa em restaurantes que são formados em germânicas ou em biologia!

Histórias como a de Elizabeth Oliveira. Loira e bem parecida, vive em Paris no chiquíssimo bairro número 16 com o marido, também emigrante muito recente, e um filho, Anthony, de cinco anos, nascido em Pombal. O miúdo ainda não se adaptou à nova vida da família em França, chora e pede todos os dias aos pais para regressarem a Portugal. "Ele dorme sempre com a foto da irmã mais velha, que ficou lá a estudar, ao lado dele", diz a mãe que acrescenta: "Ainda não me conformei à ideia de ficar cá para sempre, sobretudo quando ouço o meu filho sair-se com frases destas — 'ser corajoso é esperar até um dia voltar para Portugal'."

Elizabeth é, no entanto, uma concierge especial: a sua "gaiola", o pequeno apartamento de 40 m² onde a família vive, é agradável e foi

**HÁ PORTEIRAS
QUE LEEM ENSAIOS
EM FRANCÊS,
"CONTÍNUAS"
LICENCIADAS E
EMPREGADOS DE
MESA DE GERMÂNICAS
E BIOLOGIA**

decorado por ela com muito bom gosto. Ela é, sem dúvida, uma porteira muito original — lançou um blogue na internet chamado "Diário de uma concierge", no qual anota as suas ideias, relata o seu dia a dia e dá conselhos a colegas. A sua mãe também tinha sido porteira em Paris. "Mas ao contrário da minha mãe, envio mails para encomendar os produtos de limpeza, faço gráficos no Excel e negocio os preços com os fornecedores... claro que as pessoas do prédio ficam estupefactas, até troco livros com uma das residentes francesas do prédio, que já veio aqui a casa comer chouriçal", diz, a sorrir.

Curioso é que todos os jovens contactados pelo Expresso se consideram emigrantes e de forma alguma cidadãos europeus residentes num país da União Europeia. "Claro que sou emigrante, mas o meu caso é diferente do que viveu o meu pai, que também foi emigrante

te aqui em França — eu vim para não perder tudo e o meu pai não tinha nada a perder; eu andei de cavalo para burro, o meu pai veio a pé, eu de avião... Quando emigrou, o meu pai vestiu o único fato e o único bom par de sapatos que tinha — eu, repito, andei de cavalo para burro: não viajei com o melhor traje, porque eu, ao contrário dele, na altura, tinha vários fatos", explica Elizabeth, que regressou a França, onde nasceu e onde estudou línguas na Universidade de Nanterre, na região parisiense.

Esta nova onda de expatriados não dá indícios de estar para estacar nos próximos tempos. Pelo



ALEXANDRE NETO
ENGENHEIRO
ELETROTÉCNICO,
INSTITUTO SUPERIOR
TÉCNICO
DESEMPREGADO

Casado, com uma filha, tem 35 anos e está há sete em Paris. Atualmente, está no desemprego. "Penso todos os dias em regressar, mas não sei como vai ser: em França, recebo subsídio de desemprego superior ao meu último salário em Portugal."

contrário. Diretores de delegações bancárias portuguesas em França dizem ao Expresso que recebem todos os meses dezenas de CV de licenciados a pedirem emprego nas suas agências — "aceitam o emprego que lhes dermos, dizem isso nas cartas de motivação", exclama um deles.

Em França, coexistem neste momento quatro grandes grupos de emigrantes portugueses — os mais antigos, que foram mais ou menos bem retratados na comédia de sucesso "A Gaiola Dourada"; alguns "cérebros" recrutados em Portugal por grandes empresas e instituições francesas; trabalhadores desqualificados que emigram por vezes com toda a família e são apoiados por amigos e familiares à chegada a França; e jovens com estudos superiores que, por não terem emprego em Portugal, aceitaram muito corajosamente come-

çar a trabalhar, em França, na base da escala social. Os exemplos encontram-se por todo o lado: uma arquiteta de Almada vende vestuário numa loja de roupas do centro de Paris; uma outra jovem, licenciada em bioquímica, vende cremes numa perfumaria; um engenheiro vende bilhetes num teatro. Todos viajaram recentemente à procura de trabalho e, dizem, "de um futuro melhor", exatamente como aconteceu com os emigrantes da primeira geração.

No entanto, as histórias e os objetivos destes jovens são bem diferentes das dos antepassados de há meio século. "A nossa situação é diferente da que relata o filme 'A Gaiola Dourada', já não se emigra para poupar e construir casa em Portugal, como fazia a primeira geração, os ordenados já não dão para poupar e as nossas casas em Portugal já estão construídas e montadas, resta pagar as prestações dos empréstimos", comenta Elisabeth Oliveira, 43 anos, expatriada e porteira em Paris desde há 10 meses, ex-gestora e ex-professora em Pombal.

Alguns dos depoimentos são emotivos. "Regressar a Portugal é impensável, seria regressar ao desemprego ou à precariedade, à fal-

ta de perspetivas; em França tenho emprego estável, acesso à saúde e à educação, posso pensar em ter filhos, em construir um futuro com todas essas coisas que são básicas e fundamentais e que, em Portugal, são ou tendem a tornar-se miragens ou luxos vedados à maioria", explica Inês Félix, rececionista na sede de um banco francês, que concluiu o mestrado de Filosofia, em Paris, enquanto trabalhava em *part-time* num restaurante da cadeia McDonald's.

SAIR PARA ESTUDAR

Inês, que é natural das Caldas da Rainha e que recebe e acompanha nas instalações do banco os ilustres visitantes que chegam para reuniões com a direção, antecipou-se à chegada da *troika* a Portugal. Está em França há quatro anos. Mas emigrou praticamente pelas mesmas razões que Catarina Fernandes, de 25 anos, de Ponta Delgada, em França desde há um ano, onde é assistente de educação num liceu dos arredores de Paris. Catarina foi animadora cultural nos Açores e é licenciada pelo Instituto Superior de Educação de Coimbra. "Emigrei porque estou a pagar um empréstimo de estudante no valor de 350 euros por mês e porque a cooperativa cultural onde estava a trabalhar ficou sem condições para pagar os salários: o risco de não arranjar emprego ou arranjar um trabalho precário fez-me tomar a decisão de partir", explica a açoriana, que é também, ocasionalmente, atriz e cantora.

"Saí de Portugal para continuar os meus estudos e por duas razões: uma, positiva, era a vontade de estudar em França, de poder ter acesso à qualidade do ensino francês. Outra, negativa, as dificuldades económicas para continuar os meus estudos em Portugal: com propinas de 1500 euros, ainda que conseguisse arranjar um emprego — algo que estava longe de ser fácil além de ter de conjugar 40h de

**O ESTATUTO OFICIAL
DE CIDADÃO
EUROPEU NÃO DIZ
NADA A ESTES
NOVOS EMIGRAN-
TES. SENTEM-SE
EMIGRANTES
PORTUGUESES**

A gaiola de latão

“Chegam aqui todos os dias, é uma desgraça, hoje tivemos de arranjar comida e alojamento para dois.” Quem assim fala, emocionado, no dia 17 de outubro, é Abílio Laceiras, reformado, militante humanista e residente em Mitry-Mory, a norte de Paris. São milhares os portugueses desqualificados que nos últimos anos chegaram a França. Fazem por vezes a viagem, de Portugal até à região parisiense, em grupo, em automóveis velhos. Frequentemente, os carros e carrinhas partem a abarrotar com os afazeres e famílias inteiras, de avós a netos. São apoiados, à chegada, por emigrantes mais antigos e por serviços sociais de Câmaras como a de Mitry. Nos primeiros tempos, instalavam-se numa “gaiola de latão” — chegam a dormir em barracóas em quintais e pátios de casas de amigos ou familiares, em corredores de pequenos apartamentos e, até, em cozinhas, como o Expresso constatou em Paris e nos arredores. São aos milhares — as autoridades portuguesas não conhecem os números ao certo, apenas sabem que existem. Os novos emigrantes desqualificados juntam-se deste modo aos jovens com estudos superiores para engrossarem as fileiras da emigração portuguesa em França. Estimativas oficiais, desatualizadas, apontam para a existência, em França, de 1,5 milhões de portugueses, franco-portugueses e franceses de origem portuguesa.

trabalho com uma tese de mestrado — é duvidoso que o salário me chegasse para pagar casa, propinas e alimentação; aqui, com um part-time, pude pagar isso e acabar o meu mestrado”, acrescenta Inês.

O estatuto oficial de cidadão europeu não diz nada a estes novos emigrantes. “Sinto-me bem em França, mas não me sinto cidadã europeia, sinto-me emigrante portuguesa, nem sequer percebo muito bem o que é sentir-se cidadão europeu e duvido mesmo que alguma vez tenha conhecido alguém que reivindique tal, à parte as utilizações ideológicas do conceito, claro; sinto-me cidadã portuguesa e talvez me vá sentindo também um bocadinho cidadã francesa, à medida da minha integração aqui”, explica Inês Félix.

“Ser cidadão europeu, na vida de todos os dias, não tem significado nenhum, sinto-me português a 100 por cento e sou um emigrante económico. Se tivesse condições para trabalhar em Portugal estaria a viver lá”, acrescenta Alexandre Neto, engenheiro eletrotécnico de 35 anos, desde há sete anos emigrado, atualmente no desemprego, cuja mulher vive e trabalha também em França, onde recentemente o casal teve uma filha. “Penso todos os dias em voltar a Portugal, mas não sei como vai ser... Estou a receber um subsídio de desemprego que é superior ao meu último salário em Portugal, vamos ficando por cá e preocupado-me com o futuro. Queria que, por exemplo, a minha filha lesse e escrevesse em português, que conhecesse mais sobre Portugal, mas suspeito que quando ela tiver idade escolar já não haverá ensino de português em França”, acrescenta Alexandre, que já trabalhou para a EDF e a GDF, as empresas nacionais francesas de eletricidade e de gás.

Todos gostam de viver em Paris ou na região, mas, para eles, a cidade-luz não é uma festa permanente, porque, sublinham em conjunto, “é uma cidade muito cara”.

Sobre Paris, o seu dinamismo e a sua miscigenada atividade cultural, é Catarina Fernandes, que vive na periferia, que explica: “Aprendi a gostar de Paris; a beleza de uma cidade está ligada às relações que criamos com as pessoas que nela habitam e eu fiz amizades desde que estou cá; Paris tem recantos muito bonitos e uma diversidade cultural imensa, não é necessariamente uma festa, às vezes pode ser, mas é uma cidade cara, onde as rendas são altíssimas e o consumo nos bares e discotecas também.”

Partilham, todos, diversos sentimentos: criticam a embaixada e o consulado portugueses — “nunca somos bem recebidos, demasiado tempo de espera”; respeitam a comunidade mais antiga — “mas temos poucos contactos com os antigos”; e sentiram — “muito forte”, dizem — uma grande angústia a pressionar-lhes o peito quando deixaram Portugal. Alexandre resume deste modo a sua partida: “Parti porque não via perspectivas de evolução profissional e, a um só tempo, senti tristeza, raiva, alívio e esperança.”

DO FUTURO SÓ DEUS SABE

Têm, igualmente, preocupações idênticas sobre o futuro. Catarina, que é um pouco mais beatnik do que os outros expatriados, diz ser “uma pessoa que, acima de tudo, acredita no inesperado da vida”, mas garante estar com os pés bem assentes na terra. Evoca sonhos adiados: “Neste momento, não vejo o futuro a longo prazo, visto que estou dependente do pagamento do empréstimo que fiz para estudar — alguns sonhos foram adiados.” Regressar a Portugal? “Impensável!”, exclama Inês. “Gostaria muito, mas acho que não vai acontecer num futuro próximo, não me projeto no futuro, não consigo!”, acrescentam Alexandre, Elisabeth e outros. Têm todos saudades imensas — “do mar, do sol, dos amigos, da família, da comida”. “Eu

quero é realçar que a dívida portuguesa não é nossa, não percebo porque a pagamos com o preço de ter de partir!”, sublinha Catarina.

Ser doutor e simultaneamente porteiro, rececionista de um banco, vendedor de hambúrgueres ou de bilhetes num teatro não é fácil de assumir, mesmo na capital francesa, onde a vida é mais anónima do que em Lisboa. Por exemplo, na Embaixada ou no Consulado, onde se responde com vénias ao epíteto de doutor, é muito complicado quando os novos emigrantes chegam aos guichés e dizem aos funcionários que são simultaneamente porteiros e licenciados.

O caso de Elisabeth não é único em Paris e os problemas não surgem somente nas representações diplomáticas. Durante esta reportagem, o Expresso certificou mais dois casos de porteiras com cursos superiores portugueses — uma na zona da Bastilha e outra na de Châtelet. Ambas chegaram recentemente de Portugal e as dificuldades desportaram com as colegas portuguesas mais antigas, que tinham familiares candidatas aos mesmos postos. Ser porteira, em Paris, significa limpar as escadas, lavar as janelas e distribuir os jornais e o correio, mas também não pagar renda, nem água, nem luz, nem gás, nem telefone e, por vezes, como acontece no caso de Elisabeth, viver em apartamentos e bairros interessantes. “Imagine, eu, no meu bairro de Paris, no 16, nem lhe digo... todos os portugueses da rua se candidataram a esta função e tinha de ser eu, uma gaja vinda de Portugal, a ganhar, sem cunhas, o trabalho!”, explica.

Em Paris, hoje, a Gaiola é Dourada e... Doutorada! O desejo dos novos “emigrantes doutores” é, por agora, apenas sobreviver — “sinto-me em trânsito”, explica Elisabeth. Um sonho impreciso, pouco compreensível para os emigrantes mais antigos. ❁

revista@expresso.impresa.pt